

10-02-2020

A Composição

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Dia desses, um primo de primeira ordem e de fundamental afeto me relatou a sua tática de férias. Aliás, a sua opção de férias e de festejos de final de ano foi, repetidamente, interpelada por seus amigos, amigas e parentes. Quando lhe perguntavam que presentes havia ganhado e que presentes havia doado, que viagens faria, quais as suas comemorações de final de ano e de férias, a sua resposta era fiel à sua tática: *“tirei esse tempo para conversar comigo.”* Quando insistiam em saber o que Ele havia feito, a resposta era mais objetiva: *“eu conversei comigo mesmo.”*

A circunstância existencial do querido primo é complexa; de alguma forma, no atual período do Brasil, a complexidade da sua vida - e da vida de todos brasileiros - é brutalizada pelo contexto político. Contudo, independente dos contextos, e do que se exala no fogo de cada tempo, o pressuposto do existencialismo francês não pode ser esquecido: a vida é essencialmente problemática.

É o que nos resta. Pois bem! Perseguições sutis e ameaças explícitas e bélicas; cortes de direitos trabalhistas, privatismo entreguista, intimidações veladas, descontentamentos com entes da família por apresentarem a cara do conservadorismo; covardia com os trabalhadores, violência e recalque da memória política - e tantas outras estapafúrdias do momento - não deixam de afetar a plataforma emotiva dos que sonham e lutam por justiça.

Nós brasileiros não temos direito de omissão.

O momento cobra, por isso, que cada sujeito converse consigo mesmo. O meu primo foi bem no campeonato. Ele foi bem no campeonato porque dessa conversa pode nascer a força amorosa do enfrentamento. Conceber a dimensão problemática do país e da vida parece se alinhar ao que é o dispositivo de método da ativista cultural, professora universitária, comunicadora e teórica da literatura Heloisa Buarque de Holanda. Ela, a partir das contribuições do filósofo e pensador russo, Mikhail Bakhtin, funda as suas análises em duas perguntas: *“que momento é este em que estou vivendo?”* e *“onde estou?”* As suas perguntas de método demonstram a dimensão histórica do sujeito e a historicidade da vida. Suas interrogações não nos dão o direito de omissão.

Para diagnosticar e interpretar o momento em que se está vivendo e responder, com lucidez, “onde estou”, demanda diálogo, participação, leituras e conversas consigo mesmo. Aliás, o sujeito que quer se compor com autonomia e quer exercer a coragem de não se repetir no Outro; que deseja ter um fôlego de vida além do que lhe aliena e que, contra a alienação, pretende assumir a responsabilidade da sua visão de mundo, dos seus afetos, dos seus atos, necessita desse solilóquio; dessa conversa séria e severa. Como dizia o refrão psicanalítico, um dia teremos que acertar contas com o espelho. É nós e nós, cara a cara. Nessa conversa não pode haver mentiras. Entretanto, a composição da vida e de tudo que a arrasta para o encontro com a história, desde a tenra infância, são atravessadas pelas condições sociais, pelos suportes culturais e simbólicos, pela luta de classe, pela história da família no mundo do trabalho e por uma gama de condicionantes, incluindo as ideologias, os componentes do corpo e também as peças singulares intraduzíveis que nos pertencem, mesmo no silêncio dos traumas e sob os escombros da memória.

Não basta conversar conosco se essa conversa não se estender coletivamente. Mesmo um problema pessoal requer essas escalas de ação: o solilóquio e o diálogo. O reparo pessoal e a luta fora.

A força das ideologias dominantes no atual período, como a do evangelismo financeirizado, do empreendedorismo liberal, do consumo e da propagação narcísica, nos colocam dificuldades para ouvir a voz do mundo e para compreender o ethos cultural desse tempo. E temos ainda o perigo de nos fecharmos numa bolha incomunicável com outros segmentos culturais e sociais.

Podemos escolher a acomodação ilusória de que sem enfrentar o que nos desafia, a vida nos será mais fácil.

Entretanto, não há vida fácil. Não haverá.

.....
A vida em bolha, mediante ritos de comunicação, semelhança de gostos, formas de lazer e trocas, pode gerar um muro narcísico. Ilusoriamente protegidos por esse muro, podemos deixar de ver o outro, as outras formas de comunicar, de afetos, outros gostos culturais. Fechados na bolha corremos o risco de sermos autoritários e, então, de perdermos a multiplicidade humana e o vasto repertório que também desdobra dos períodos difíceis, tanto do campo da política, como no da existência.

Por certo, o estremecimento, a estranheza, a inquietação - e tudo o que desafia o rito comum da vida - podem tornar-se repertórios para a criação, inclusive, porque, quase sempre, o normal é patológico. Quase sempre a vida normal é a legitimação de formas de opressão. Assim, a *composição* exige destituir a acomodação, dar sentido ao incômodo, gerar projetos à inquietação.

Exige enfrentar o que é silenciado, encarar a própria ferida.

Pode-se dizer: não há libertação sem encarar as feridas; e não há realização do sonho se houver a postura masoquista de amar as próprias perebas - e as perebas do mundo.

A libertação é um chamamento à saúde; é um chute à doença.

E isso, lógico, é arriscado, mas arriscada é toda a vida, incluindo a luta pela liberdade. Arriscada é a arte que viaja na contramão dominante buscando esplendor em risos de crianças. E em sutis deslumbramentos. Enfrentar a perversidade, a banalização da vida e da ética; a violência, o militarismo moralista; o conservadorismo atávico e o cristianismo mercador - motes do contexto brasileiro; e enfrentar a desigualdade social, a pobreza, o latifúndio, o preconceito - traços atávicos da sociedade brasileira; e enfrentar as dificuldades das relações, a emoção trepidante - traços da existência humana, exigem atenção a princípios, o que é uma prerrogativa da conversa que temos conosco mesmo.

Mais que conversar, todos esses tipos de enfrentamentos nos convidam a saber com quem queremos andar; de quem queremos distância. Não há conciliação de rumos: caminha-se com Chaplin ou com Hitler, com Cecília ou com Goebbels, com Olga ou com Regina Duarte.

.....
Conversar conosco mesmo é uma baliza de composição e de lucidez. Como fez o querido primo nessas férias, ainda que não haja crença de uma vida sem problemas; numa emoção com equilíbrio perene; numa existência sem dor; numa subjetividade resolvida; numa experiência sem surpresas, numa felicidade sem cataclisma e luta, abrir o ano com essa conversa pode renovar a força para se fazer como um sujeito de atitude.

Atitude alimentada de ética, de poesia - e de coragem.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.